

Visita do Primeiro-Ministro de Portugal ao Real Gabinete Português de Leitura*

Hoje é um dia de festa para todos nós, e, de modo especial, para o Real Gabinete Português de Leitura.

Recebemos a visita do Senhor Engenheiro José Sócrates, Primeiro-Ministro de Portugal, acompanhado de alguns membros de seu governo, do senhor Embaixador Francisco Seixas da Costa, do Senhor Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, do Senhor Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, da Senhora Presidente do Instituto Camões e de outras personalidades de relevo da vida empresarial e cultural portuguesa que integram a sua comitiva nesta viagem ao Brasil, muitas das quais são grandes amigos desta Casa.

Mas hoje é também dia de festa por ter o Senhor Primeiro-Ministro escolhido o Real Gabinete Português de Leitura – “alma mater” das associações de raiz lusíada no Brasil – para homenagear, em nome de Portugal e de seu governo, a Professora Cleonice Berardinelli, Mestre insigne das Letras, da Cultura e da Língua Portuguesa, cujo magistério, em várias universidades e neste Real Gabinete, enriqueceu sucessivas gerações e deixou um rastro luminoso de sapiência e de conquista de almas. A sua obra literária, pelo valor e pela densidade, foi uma verdadeira brasa viva para que muitos escritores e poetas portugueses ganhassem neste país uma dimensão à altura de seu gênio, de seu engenho e de sua arte.

Senhor Primeiro-Ministro,

Desde a inauguração deste edifício pelo Imperador Dom Pedro – e já então o Real Gabinete tinha 50 anos de existência – que ele se transformou, naturalmente, em “foco de todas as almas” e em altar-mor da nossa comunidade para receber as figuras mais eminentes da Política, das Letras, das Artes, da Ciência, da Administração Pública e da Diplomacia dos dois países.

Quando são portugueses que chegam, damos-lhes testemunho da nossa fidelidade à gente e à terra onde nascemos, à sua cultura e aos seus valores, e projetamos, simbolicamente, nas mísulas da fachada em pedra de lioz, vinda do Alentejo, ou nas estantes de livros talhadas em jacarandá, trazido das entranhas da Amazônia, a obra admirável da Diáspora em terras de Vera Cruz.

* Discurso proferido por Antonio Gomes da Costa no dia 11 de agosto de 2006, por ocasião da visita do Primeiro-Ministro de Portugal, Eng. José Sócrates, ao Real Gabinete Português de Leitura.

Já ao recebermos os brasileiros, confirmamos o sinal profético da doação e da fraternidade, como no verso da “Mensagem” pessoana. Pois é a eles que oferecemos todos os dias, na sedução estética da arquitetura neomanuelina deste edifício, no tesouro da biblioteca, na liturgia dos cursos ou nas atividades do pólo de pesquisas, o que de melhor produziu, ao correr dos séculos, o gênio lusitano. E fazêmo-lo como prova de reconhecimento ao Brasil por este país ter recebido tantos milhões de portugueses que vieram aqui realizar seus projetos de vida.

Senhor Primeiro-Ministro,

Nos últimos anos as relações luso-brasileiras tiveram, sobretudo nalgumas das suas vertentes, um desenvolvimento notável. No campo econômico, por exemplo, saímos de um débil “comércio da saudade”, que pouco representava no balanço de pagamentos de cada país, para um fluxo de investimentos que colocou Portugal na linha de frente de vários setores da economia brasileira, como na eletricidade, nas telecomunicações, no turismo, na banca, nos cimentos ou no comércio de grandes superfícies. Já no campo político, os dois países apararam arestas que afligiam as chancelarias de vez em quando e se posicionaram no cenário mundial, como “players” sintonizados em objetivos comuns, a despeito dos nevoeiros e das perplexidades em torno da CPLP, ou a despeito de integramentos blocos distintos – um, a União Européia, e o outro, o Mercosul. Também no campo cultural não tem sido pequeno, principalmente do lado português, e, em boa parte, graças ao apoio de algumas entidades privadas, o esforço para ser mantido um intercâmbio permanente entre escritores, artistas, professores e homens do Pensamento dos dois países. Com as verbas do Orçamento da República e com as ajudas generosas da Fundação Calouste Gulbenkian têm vindo a ser feitos verdadeiros milagres, como nas bodas de Canaã, na construção de pontes sobre o Atlântico.

Pois subjacentes a todas estas dimensões da política externa, existem, entre Portugal e Brasil, bases e valores, desde a Língua aos cruzamentos de sangue, desde a História aos laços familiares, desde as tradições populares e religiosas aos filamentos da nacionalidade, que se mantiveram constantes e quase sempre enriquecidos, quaisquer que tenham sido as vicissitudes e os desencontros eventuais, os regimes políticos e os governos.

Entre esses elementos que lastreiam as relações luso-brasileiras, e como responsáveis pelo húmus de uma afetividade de raiz, estão os portugueses do Brasil, com seu trabalho e suas realizações, com seu caráter e seu espírito empre-

endedor, com sua riqueza humana e seu apego ao país de acolhimento, com suas associações e a sua maneira de estar e viver em terra alheia. Esses portugueses, que hoje são muito menos do que já foram, e amanhã serão muito menos do que são hoje, souberam fazer, com patriotismo e amizade, a passagem do testemunho. Por força da transferência de legados, de patrimônios e de sentimentos, estamos certos de que não irá desaparecer com eles o traçado e a essência da portugalidade no Brasil, uma vez que os luso-descendentes, mais próximos ou remotos – e não só os luso-descendentes, diga-se de passagem – saberão guardar a memória da Epopéia de nossos Maiores, sentir orgulho da saga e do talento dos nossos antepassados e manter o gosto de querer bem a Portugal.

O temor de que o último português iria correr as janelas e fechar as portas do Real Gabinete, esse temor não existe mais. O receio de que nas salas de aula do Liceu Literário o ensino com formato oficial acabaria com os cursos de excelência de pós-graduação em Língua Portuguesa, esse receio também se esvaía. O medo de que dezenas de associações, teúdas e manteúdas pela antiga “colônia”, de Manaus ao Rio Grande do Sul, perdessem a transversalidade do portuguêsismo, esse medo já não tem razão de ser.

Com esta afirmação não queremos fazer a apologia dos portugueses da diáspora, ou realçar a visão de futuro e de modernidade com a qual se pretendeu dar resposta aos desafios emergentes do nosso tempo. Queremos, sim, testemunhar perante o Chefe de Governo de Portugal que temos conosco, lado a lado, mãos nas mãos, olhos nos olhos, muitos irmãos brasileiros dispostos a dar continuidade ao sonho daqueles emigrantes que em 14 de maio de 1837, reunidos numa casa da Rua Direita, no coração do Rio de Janeiro, criaram o Gabinete Português de Leitura para que os jovens que chegavam do Minho, das Beiras, de Trás-os-Montes, dos Açores e da Madeira encontrassem condições, no porto de destino, para melhorar os seus conhecimentos, aprender um ofício e uma arte e vencer na vida. Era a primeira associação portuguesa que surgia depois da Independência de 1822. E surgia com o destino marcado pela brasilidade dos portugueses daquela época. Hoje, continua na mesma linha de compromissos do passado, mas com o futuro marcado enriquecido pela portugalidade dos brasileiros e com novas ambições.

Como os navegadores quinhentistas que seguiam o mar largo, fiéis ao sonho do Infinito e à Pátria de todas as devoções, também nós continuamos empenhados em servir o Brasil e Portugal. E ao despedirmo-nos de Vossa Excelência, Senhor Primeiro-Ministro, neste começo de tarde, ficamos com a esperança de que para essa missão haveremos de ter sempre a ajuda de seu governo e não nos faltará o seu apoio pessoal.